

UNIVERSIDADE SAGRADO CORAÇÃO

MARIANA MARCELINO FLORENZANO

**DOCTRINA BUSH E SEGURANÇA INTERNACIONAL: O
DESEMPENHO DA POLÍTICA EXTERNA NORTE
AMERICANA NOS CONFLITOS NO ORIENTE MÉDIO (2001-
2009)**

BAURU
2015

MARIANA MARCELINO FLORENZANO

**DOCTRINA BUSH E SEGURANÇA INTERNACIONAL: O
DESEMPENHO DA POLÍTICA EXTERNA NORTE
AMERICANA NOS CONFLITOS NO ORIENTE MÉDIO (2001-
2009)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro de Ciências Exatas e
Sociais Aplicadas como parte dos requisitos
para obtenção do título em bacharel em
Relações Internacionais, sob orientação da
Profª Mª Roberta Cava.

BAURU
2015

F633d

Florenzano, Mariana Marcelino

Doutrina Bush e Segurança Internacional: o desempenho da política externa norte-americana nos conflitos no Oriente Médio (2001-2009)/Mariana Marcelino Florenzano. -- 2015.

43f. : il.

Orientadora: Profa. Ma. Roberta Cava.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade do Sagrado Coração – Bauru – SP.

1. Estados Unidos. 2. Segurança Internacional. 3. Doutrina Bush. 4. Conflitos. 5. Poder. I. Cava, Roberta. II. Título.

MARIANA MARCELINO FLORENZANO

**DOCTRINA BUSH E SEGURANÇA INTERNACIONAL: O
DESEMPENHO DA POLÍTICA EXTERNA NORTE AMERICANA NOS
CONFLITOS NO ORIENTE MÉDIO (2001-2009)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para obtenção do título em bacharel em Relações Internacionais, sob orientação da Profª Mª Roberta Cava.

Banca Examinatória:

Profª M.ª Roberta Cava

Universidade Sagrado Coração

Profª M.ª Beatriz Sabia Ferreira Alves

Universidade Sagrado Coração

Profª M.ª Mariana de Freitas Montebugnoli

Universidade Sagrado Coração

Bauru, 03 de dezembro de 2015.

Dedico este trabalho a meus pais, minha irmã Nati, ao 'Bem do Amor' Lucas e ao meu amigo Kauê, que não precisou de TCC algum para concluir o que se propôs.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Pierre e Lucilene, por nunca me cobrarem em ser “alguém”, e sim por sempre terem me deixado livre e me incentivarem a ser feliz acima de qualquer coisa.

Agraço a minha irmã Natália por ser a melhor companheira de vida que eu poderia ter, e por me fazer sonhar através de seus sonhos e planos mirabolantes.

Agradeço ao Lucas por ser uma inspiração, um presente que a faculdade me deu, me ajudar quando eu não mais queria escrever, por me fazer focar, por me fazer querer ir mais longe, buscando ser uma pessoa melhor.

Agradeço a toda a minha família que sempre me ensinou que a vida é mais fácil e gostosa quando rimos.

Agradeço as minhas amigas Alice, Vanessa, Beatriz e Carol, porque o que o Guedes uni o tempo não separa.

Agradeço a gangue por ter feito com que os anos de faculdade fossem especiais e por sempre terem me ajudado quando eu precisei: à Natalie por ter me carregado no colo tantas vezes e por ser a pessoa mais inteligente, prática e emocional que conheço. À Débora por ser uma grande dupla e parceira desde o começo. À Julieth, sem esquecer da menina Judith, e seu apetite pela vida e em aproveitar tudo de bom que ela pode oferecer. E aquele elo que nos uniu desde o começo: Kauê, por ser as mais belas lembranças, e estar presente em todos os dias da minha vida universitária, por ter sido a primeira pessoa que eu queria ver ao chegar e a última que eu queria abraçar antes de ir embora. Mas mais do que isso, por ter me dado à oportunidade de te conhecer. Será a sua imagem sorrindo que eu levarei pra casa com felicidade quando me formar.

Agradeço a professora Roberta por ter me orientado sempre de coração aberto e com um sorriso no rosto, você foi fundamental para que tudo desse certo. À Mariana que com sua doçura foi capaz de conquistar a todos com um semestre só. E a Bia por ter me estendido à mão quando eu mais precisei e por ser uma inspiração como pessoa em defender aquilo que acredita. Agradeço também aos professores Daniel e Verônica por sempre nos incentivarem alçar novos rumos.

Agradeço a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a minha formação como pessoa e profissional.

RESUMO

Este estudo buscará mostrar as motivações que podem ter causado as intervenções dos Estados Unidos no Oriente Médio entre os anos de 2001 - 2009, quando a administração e doutrina de George W. Bush estavam no poder. Este estudo é de conteúdo relevante para entender o cenário internacional atual. O ponto principal levantado é: "quais foram os interesses dos Estados Unidos nos conflitos no Oriente Médio?". Os resultados que irão compor as considerações finais foram obtidos através de gráficos, tabelas, contexto histórico para apresentar o interesse americano na região.

Palavras-chave: Estados Unidos. Segurança Internacional. Doutrina Bush. Conflitos. Poder.

ABSTRACT

This study will show the motivations that may have caused the United States interventions in the Middle East from 2001 to 2009, when George W. Bush's administration and doctrine were in power. It's a relevant study content to understand the actual international scenary. The main point here is "Which were the United States interests in the Middle East conflicts?". The results that will compose the final considerations were obtained through graphs, tables, historical contexts to ilustraste the American interest in the region.

Keywords:United States. International Security. Bush Doctrine.Conflict. Power.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Despesa Militar	p. 34
Figura 2 – Exportadores e Importadores de petróleo	p. 35
Figura 3 – Produção de petróleo por região	p. 36
Figura 4 – Consumo anual de petróleo por região	p. 36
Figura 5-Reservas de petróleo	p. 37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIE – Agência Internacional de Energia

AIEA – Agência Internacional de Energia Atômica

CSNU – Conselho de Segurança das Nações Unidas

EUA – Estados Unidos

NSS USA - Estratégia da Segurança Nacional dos Estados Unidos

OLP – Organização para Libertação da Palestina

ONU – Organização das Nações Unidas

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	TEORIAS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS E SEGURANÇA INTERNACIONAL	16
2.1	REALISMO CLÁSSICO	16
2.2	NEORREALISMO	18
2.3	SEGURANÇA INTERNACIONAL.....	20
3	GOVERNO BUSH E SEU INÍCIO COM O “11 DE SETEMBRO”	22
3.1	GUERRA PREEMPTIVA X GUERRA PREVENTIVA.....	24
3.2	OS IMPACTOS DAS INTERVENÇÕES NORTE AMERICANAS	26
3.3	DOCTRINA BUSH E SEUS DESDOBRAMENTOS.....	27
4	A ERA BUSH E O ORIENTE MÉDIO	30
4.1	CONFLITOS RECENTES.....	30
4.2	MOTIVAÇÕES ECONÔMICAS:	31
4.3	PETRÓLEO E COMÉRCIO BÉLICO	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

1 INTRODUÇÃO

A Segurança Internacional ganhou destaque no cenário recente com os ataques sofridos em 11 de setembro, quando o grupo terrorista atacou a cidade de Nova York nos Estados Unidos. Até então o mundo vivia em uma situação estável sem ameaças, e o país era visto como intocável devido a seu poderio e influência no cenário, assim tal ataque pode ser considerado como um marco em conflitos pós Guerra Fria e nos ataques cada vez mais em evidência do Ocidente x Oriente.

Neste trabalho refletiremos a respeito da Segurança Internacional através da política externa nos conflitos com o Oriente Médio, dentro do governo do presidente dos EUA, George W. Bush, de 2001 a 2009. As questões que irão determinar o norteamento desta pesquisa serão: quais foram os reais interesses dos EUA na região? Teriam ido buscar lucros de petróleo e suas jazidas, ou buscaram lucrar com a venda de armamento bélico? Assim podemos expandir a reflexão através de questionamentos como: quais foram às manobras norte-americanas utilizadas em suas intervenções? E quais benefícios tiveram com os ataques entre o período analisado?

O período analisado será do ano de 2001 a 2009, quando o país norte americano era governado por George W. Bush, e como em seu governo os conflitos com o Oriente Médio ganharam maiores proporções, enfatizando questões como “Guerra ao Terror”, “Eixo do Mal” e a “Doutrina Bush”, termos constantemente usados na política externa de Bush que impulsionaram o seu mandato.

O tema escolhido para esta monografia é de total relevância para compreensão do contexto internacional contemporâneo, considerando os constantes conflitos entre o Oriente e o Ocidente, ataques terroristas, respeito à soberania do outro território, bem como seus reflexos nas sociedades ocidentais e orientais. O estudo buscará analisar o papel dos Estados Unidos no Oriente Médio, seus efeitos, consequências e reais interesses que reverberam até os dias de hoje, abordando a presença norte americana no Afeganistão e Iraque.

Para iniciar o estudo abordaremos as teorias que mais se adéquam a política norte americana, para termos melhor entendimento dos conflitos e os demais fatores que implicam nesse segmento. Essas serão o Realismo de Hans Morgenthau e o Neorealismo de Kenneth Waltz.

Para embasarmos o tema usaremos a obra de Marcelo Garcia Bonfin, “A guerra do Iraque: história oficial e oficiosa”, que relata pontos pertinentes deste conflito e realça questões não militares envolvidas, como o petróleo e a indústria bélica.

Apesar de ter sido escrito em 1991, o livro de Christian G. Caubet “As Verdades da Guerra Contra o Iraque”, relata o interesse americano antigo pela região na busca de petróleo e seus desdobramentos, sendo indispensável no contexto histórico da pesquisa.

Partindo dos pressupostos já citados, é de vital importância à discussão e os estudos sobre esse período histórico e sua relação com o contexto internacional atual. A intenção é que o presente estudo mostre a face econômica de quais as possíveis razões que moveram os EUA em seus ataques, e se houveram fins comerciais ou foram uma "Guerra Preventiva" ao terror.

Para melhor entendermos o assunto tratado neste trabalho explicaremos os termos básicos que constantemente serão citados no decorrer deste projeto: “Doutrina Bush”, “Eixo do Mal”, “Guerra ao Terror”, “Guerra Preventiva” e os que se fizerem necessários para o desenrolar do assunto.

Como uma das pilastros para a pesquisa usaremos a obra de Pecequillo, intitulada “A Política Externa dos EUA: Continuidade ou Mudança?”, no qual a autora desvincula os termos que compõem a Doutrina Bush, como o “Eixo do Mal”, atribuído a Era Bush. Pecequillo defende que todo governo tem sua doutrina de segurança e os ataques de 11 de setembro só aceleraram a estratégia utilizada, e não motivaram a criação de uma nova doutrina, assim a autora define como errado classificar o ataque como a única motivação para a criação da mesma.

Após a explicação da “Guerra ao Terror”, denominação muito controversa quando se fala de Governo Bush e os conflitos pós 11 de setembro, enfocaremos na guerra contra o terrorismo e como esta, passa a guiar a política externa norte americana no ano de 2002, onde os EUA adotam o uso da força para combater grupos terroristas na tentativa de isolá-los e pedem por apoio dos aliados usando o seguinte discurso, garantir a segurança do “mundo globalizado”, tendo apoio militar dos seguintes países: Reino Unido, Austrália e Polônia.

Tais medidas levaram à invasão do Iraque em 2003, mesmo sem o consentimento da ONU e de todo Conselho de Segurança, inclusive os membros permanentes, França, Reino Unido, Rússia e a China, completo com os EUA. A

justificativa usada pelo governo norte americano era de que o ataque seria uma forma de prevenção ("Guerra Preventiva").

Segundo Cláudio Mendonça, a Guerra Preventiva nada mais foi do que, uma ação militar unilateral dos EUA, em nome do direito da autodefesa para prevenir o terrorismo através do ataque antecipado, "atacar antes e perguntar depois". Assim, após o esclarecimento dos termos e explicitação do raciocínio utilizado na construção da pesquisa faremos um breve contexto histórico do Governo Bush e a sucessão de fatos que levaram os EUA a caçada de seus terroristas.

Logo no primeiro ano do mandato de George W. Bush, no dia 11 de setembro de 2001, os EUA foram atacados por um grupo terrorista denominado Al-Qaeda, os ataques a cidade de Nova York, mais precisamente ao World Trade Center - WTC (símbolo do poder norte americano devido ao tamanho do arranha-céu), comandados por Osama Bin Laden. O líder do grupo terrorista coordenou ataques que abalaram não só o país, mas a estabilidade do cenário internacional, já que o país de maior potência militar do cenário e que conduz processos políticos, sociais e econômicos sofreram com os ataques e se mostraram vulneráveis, segundo Pecequilo (2003).

Para responder ao ataque sofrido, os Estados Unidos invadiram o Afeganistão e declararam guerra ao Iraque, numa ação que Nye chama de "preemptiva" sob a visão norte americana, uma tentativa de tornar a invasão legítima, e de "preventiva" sob a perspectiva do resto do mundo. (2009)

Por tal motivo o autor Argemiro Ferreiro defende a visão de que o governo de Bush só começou após o "11 de setembro" e garantiu a reeleição de Bush com a promessa de capturar o responsável pelos ataques sofridos.

Ao abordarmos as teorias e segurança internacional, buscaremos relacioná-las a forma como agem os Estados Unidos e a sua relação com o poder, propondo a reflexão de como a busca incessante por poder pode afetar a segurança internacional e abalar o cenário. Cenário este, que será retratado através do Governo Bush e as problematizações levantadas a partir dos ataques como qual foi o tipo de "Guerra" proposta, os impactos e desdobramentos do ocorrido.

Ao tratarmos especificamente do governo Bush e sua relação com o Oriente Médio, será feito um pequeno repasse histórico com base de que as políticas são contínuas para melhor compreensão do contexto, as motivações econômicas ressaltando a valorização do petróleo e da comercialização bélica.

Após seguirmos tal estrutura, estaremos aptos a apresentar as considerações finais com base no material utilizado.

2 TEORIAS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS E SEGURANÇA INTERNACIONAL

As teorias têm como finalidade explicar o sistema internacional e as relações estabelecidas entre países, atores, organizações, aspectos políticos, econômicos, militares e de segurança internacional através de seus conceitos.

No campo das Relações Internacionais, as teorias que balizarão a análise do tema proposto por esse trabalho são o Realismo e suas variações, sendo também cabível associar as diretrizes norte-americanas ao Neorealismo. Assim, para melhor desenvolvimento da pesquisa, os modelos teóricos utilizados serão as pilstras do Realismo e o Neorealismo, por Hans Morgenthau e "A Política entre as Nações – a luta pelo poder e pela paz"¹ e Kenneth Waltz, considerado pai do Neorealismo. Com o intuito de mostrar o posicionamento dos EUA no cenário internacional, sob duas diferentes teorias e como ainda assim, ambas ilustram as ações norte-americanas para com o mundo, mais especificamente nos conflitos no Oriente Médio.

Serão usadas duas teorias pela razão de cada uma tentar de refletir ou explicar o mesmo objeto dando origem a visões distintas. Assim, as dividiremos para serem abordadas para aprofundamento e clareza no que cada uma aborda.

O mundo pós grandes guerras e Guerra Fria, fazem com que a busca por um bem comum, a paz entre as nações, ganhe cada vez mais força nas discussões internacionais. Junto a tal condição, a Segurança Internacional ganha destaque, e como apresentaremos dentro deste capítulo, pode motivar os conflitos da Nova Ordem Mundial.

2.1 REALISMO CLÁSSICO

Partiremos do Realismo para a construção da parte teórica do trabalho, tendo em vista que tal teoria foi a que originou, e até hoje é base na construção das novas teorias: "nossa academia e nossos autores 'tomam emprestados' esses clássicos para construir as teorias contemporâneas de Relações Internacionais"².

¹MORGENTHAU, H, **A política entre as nações**: a luta pelo poder e pela paz. Brasília: EdUnb/Ipri, 2003, p. 4-28

²SARFATI, Teoria de Relações Internacionais, 2005, p.63.

Segundo a autora Cristina Soreanu Pecequilo (2003), o Realismo, é a teoria dominante desde seu surgimento no século XX e está intimamente ligada a conflito e poder. Os conflitos, como citados em sua obra, são essenciais para a consolidação do país; e o poder não tem como objetivo a busca pela paz, e sim garantir que não surja um poder maior. Assim, os EUA então figuram como um grande ator tanto em cenários de bipolaridade, quanto de multipolaridade (1947-1989, 1815 - 1914 e de 1989 até os dias atuais respectivamente).

Conforme destaca Gilberto Sarfati³ (2005), o Realismo tem como principal foco de estudo as relações interestatais, devido à influência que exercem sobre os Estados. Porém, por mais que influenciem na tomada de decisões dos outros países, no âmbito internacional são "atores unitários". Cabe destacar também que os Estados enquanto atores são racionais, considerando as alternativas viáveis para o seu país, maximizando benefícios e diminuindo os custos dentro de cada objetivo estipulado.

Hans Morgenthau ao lançar sua obra "A Política entre as Nações" em 1948, buscou contrapor a teoria liberalista existente, revolucionando o que se entendia por realismo e o sistema internacional ao colocar o Estado como centro destas relações.

Em sua linha de pensamento realista é possível encontrar as diretrizes dos Estados que seguem esta corrente, quais sejam: o sistema anárquico, fazendo com que não haja nenhum poder maior acima dos Estados, e a segurança de um país só pode ser garantida quando os demais estão desprotegidos (jogo de soma zero) e o tamanho de seu poder em comparação com os outros.

Morgenthau baseou suas seis premissas que reordenaram a teoria realista no realismo político.

A primeira premissa está ligada à política, que o autor reforça ser governada por leis, refletindo a natureza humana.

A segunda premissa é a que justifica o realismo de Morgenthau ser voltado para a política. Os autores Nogueira e Messari em sua obra "Teoria das Relações Internacionais - Correntes e Debates"⁴ de 2005, a definem como a premissa onde "todo e qualquer interesse dos atores internacionais deve ser traduzido em sua

³SARFATI, Gilberto. **Teoria de Relações Internacionais**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2005. 382 p 382.

⁴NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais – Correntes e Debates**. Elsevier. Rio de Janeiro. 2005

pretensão de alcançar mais poder para si", sendo a razão pela qual busca poder e sua ideologia para que tal façanha ocorra. A terceira premissa também está relacionada ao poder, sendo um objetivo universal e constante na história.

A quarta e quinta premissa são princípios morais, apontando para a separação da moral e da política, que é impulsionada pelo poder. A moral também não pode ser considerada como universal e válida para todos os Estados, respectivamente.

A sexta e última premissa, credita autonomia à política que é o grande diferencial da corrente realista de Hans Morgenthau. Assim, a política ganha autonomia e sua própria ideologia. Pela visão de Morgenthau é possível concluirmos que o que move esta teoria é a "manutenção, aumento e demonstração de poder"⁵.

Assim com a constante mudança do cenário internacional e de seus atores, as teorias também têm necessidade de adaptação. Partindo desse pressuposto Kenneth Waltz escreveu a teoria neorrealista com a finalidade de explicar o que o realismo não mais fazia, como abordado a seguir.

2.2 NEORREALISMO

Para a construção da teoria Neorrealista, também conhecida como Realismo Estrutural, usaremos Kenneth Waltz, um dos maiores pensadores e teóricos das relações internacionais pós-guerras. Waltz defende uma corrente onde sua explicação implica na prevenção de conflitos, com base no poder que cada Estado busca com a obra de 1979, *Theory of International Politics*.⁶, obra escrita em forma de crítica ao Realismo Moderno, visava uma renovação e contraposição teórica.

Waltz traz em sua obra uma diferenciação de leis e teorias: as leis são determinantes na relação de variáveis dependentes⁷ e independentes⁸, com o conjunto de leis formando uma teoria, e as teorias explicando as leis.

Após apresentar tais definições, o autor passa a questionar as teorias no âmbito internacional, dividindo-nas em duas: reducionistas, quando o foco do estudo são os indivíduos, que Kenneth Waltz considera ineficaz para o sistema

⁵SANTOS, 2005, p. 88

⁶WALTZ, K **Theory of international politics**. Reading. 1979

⁷ Variável dependente é aquela que se deseja explicar, Gilberto Sarfati, 2005, p 144.

⁸ Variável independente é usada para explicar as variáveis dependentes, Ibid., 2005, p 144.

internacional, tida como a teoria que explica os resultados da política internacional, e a Sistêmica, na qual o instrumento de estudo é a relação de grupos entre grupos, usada para explicar a interação entre os Estados e suas estruturas⁹, que o autor prioriza.

O sistema internacional será determinado de acordo com as estruturas estatais, que originarão o princípio de ordenamento. Porém, é necessária uma junção às capacidades relativas para entender a política internacional dos Estados.

Waltz abordou as capacidades relativas enquanto equivalentes às teorias tradicionais (Realismo Clássico), mas visando uma renovação das teorias já existentes e comparando-a ao poder existente entre os países e o quanto este fator pode influenciar nas decisões dos atores.

Então, o autor direciona sua teoria para a política internacional, e descreve características que fazem com que a política norte-americana se encaixe nos preceitos do Neorealismo. Para Waltz o princípio de ordenamento só é possível graças ao interesse egoísta e a competitividade entre os Estados. A esse respeito,

A sobrevivência é um pré-requisito de unidades racionais, mas uma vez alcançada, os objetivos dos Estados podem variar até o ponto de buscar a eliminação de outras unidades. (SARFATI, 2005, p. 148)

Os grandes atores são os que definem a estrutura a ser seguida pelos de menor expressão, assim, os Estados devem ser analisados de forma comparativa quando há possibilidade de ameaças a sua segurança, não cabendo análises isoladas. Aqui reitera que:

As capacidades em relação à segurança devem ser vistas em termos da qualidade de liderança do exército, dos seus soldados, de seu treinamento, da capacidade da indústria bélica ou de compra de equipamento militar. (SARFATI, 2005, p. 148)

Então, a mudança nas inter-relações entre os Estados ocorreria se o sistema deixasse de ser anárquico, no qual o estado natural é o de guerra, e passasse a ser hierárquico. Porém, para Waltz, tal mudança seria impossível, pois a anarquia é tida como fulcral para a estabilidade internacional. A partir de tal ponto, o balanço de poder é abordado dentro do neorealismo, tendo o Estado objetivo em preservar seus interesses e usar de sua influência para dominar os demais, os meios utilizados para

⁹ Condições ou causas que norteiam a política internacional.

atrair aliados e fazer com que o sigam podem ser diversos: força militar, nível econômico, relações com terceiros e alianças.

O professor Gilberto Sarfati explica o equilíbrio de poder, baseado na obra de Waltz, como o medo dos mais fracos em serem atacados pelos mais fortes devido à disparidade entre eles, fazendo com que busquem igualar alguns fatores que os tornem mais competitivos¹⁰.

Dessa forma, partindo dos preceitos defendidos por Waltz, os EUA também se encaixam na teoria Neorrealista devido à importância dada ao uso do poder na política norte americana. Discorreremos a respeito dessa articulação a seguir.

2.3 SEGURANÇA INTERNACIONAL

*Os Homens Amam a Guerra”
[...]Os homens amam a guerra
E mal suportam a paz.
Os homens amam a guerra, portanto, não há perigo de paz.
Os homens amam a guerra, profana ou santa, tanto faz.
Os homens têm a guerra como amante, embora esposem a paz¹¹
(Affonso Romano de Sant’Anna)*

O “equilíbrio de poder” segundo Joseph Nye teve início com o fim da Guerra Fria por conta do desenvolvimento de armas nucleares envolvendo os EUA e a extinta URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), o mundo encontrava-se em um cenário de bipolaridade, à mudança do equilíbrio de poder para multipolar não trouxe maior segurança e sim desequilibrou o cenário, o autor contrapõe fazendo uma analogia “ao mais longo período de paz no mundo através da soma de um mundo bipolar e armas nucleares”¹².

Se após a Guerra Fria as grandes guerras foram se tornando menos prováveis, na contramão desse cenário os conflitos regionais e civis cresceram devido à pressão e a diferença de interesses entre os Estados.

A esse respeito Carl Von Clausewitz traz a visão de que a segurança nacional é prioridade para os Estados realistas, que como foi possível constatar no início deste capítulo é uma das teorias que rege a política norte americana, permitindo

¹⁰SARFATI, 2005, p. 150.

¹¹ Poesia de Affonso Romano de Sant’Anna, “Os Homens Amam a Guerra”, ano desconhecido

¹²NYE, Cooperação e conflito nas Relações Internacionais, 2009, p. 178-179

relacionar os interesses destes países a preocupação com o poder (HIGH POLITICS¹³), seja militar, econômico ou de influência. Assim, o desequilíbrio de um desses fatores poderiam causar conflitos entre Estados, pois o autor os define como “essencialmente egoístas”.

Clausewitz não só define a guerra como uma extensão da política através de outros meios, como também sendo uma estratégia objetivada a atrapalhar os demais atores e alcançarem seus objetivos políticos. Porém as guerras não são só movidas por conflitos políticos, elas podem ser direcionadas por disputas de poder, extensão de territórios e questões econômicas, o que o autor chama de “pensamento ocidental de guerra”.

No ano de 2002, após ataques 11 de setembro - assunto que será abordado a seguir, os Estados Unidos lançaram sua nova estratégia de defesa para substituir a usada desde a Guerra Fria, denominada como a Estratégia Nacional de Segurança dos Estados Unidos, que defendia o uso da ação preventiva, visando proteger suas fronteiras e aliados através de ações de defesa ao redor do mundo¹⁴.

Após Morgenthau estabelecer as teorias sendo como leis que norteiam os governos de cada Estado, o autor refletindo sobre Segurança Internacional, crê que esta é usada como justificativa para novos ataques, guiando assim a agenda internacional dos países

Ao usarmos do quão ofensiva é para um país realista ter sua segurança nacional violada, podemos partir para os atentados que os EUA sofreram na data 11 de setembro de 2001, ao terem a cidade de Nova Iorque como alvo de ataques terroristas.

¹³ '*Alta Política*' - temas considerados mais importantes pelos atores internacionais dentro da agenda internacional, que geralmente são associados a questões de segurança e interesses estratégicos. <<http://pt.slideshare.net/rafaelavilabh/conceitos-bsicos-em-relaes-internacionais>> Rafael Ávila.

¹⁴ Notícia retirada <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,bush-apresenta-sua-nova-estrategia-de-seguranca-nacional,20020920p49320>> Acesso em 13/11/2015. BONFIM, 2014, p. 83.

3 GOVERNO BUSH E SEU INÍCIO COM O “11 DE SETEMBRO”

Este capítulo buscará enfatizar como transcorreu o período em que George W. Bush governou os Estados Unidos e seu desenho após o “11 de setembro” e como este evento afetou a agenda norte americana. Abriremos espaço para diferenciar a guerra preventiva e preemptiva afim de entender o que implica cada passo na intervenção, o que estas impactaram e quais foram seus desdobramentos.

Os autores Argermiro Ferreira e Cristina Pecequilo defendem uma mesma visão ao relatarem em suas obras distintas, que o Governo de George W. Bush cujo início foi em janeiro de 2001 ao assumir a presidência dos Estados Unidos, somente ganhou força no cenário internacional e para os próprios norte americanos após o 11 de setembro e a caçada aos seus responsáveis, fazendo com que este seja o marco de referência de seu governo.

É importante entendermos cronologicamente como se deu o conflito de "11 de setembro"; porém a pesquisa não entrará em seus pormenores buscando explicar o porquê dos ataques, pois busca retratar as razões que levaram à intervenção dos EUA como forma de resposta.

Os ataques terroristas de "11 de setembro" foram comandados pela organização terrorista Al-Qaeda¹⁵, por Osama Bin Laden no ano de 2001, direcionados a cidade de Nova York. Podemos considerar tal fato como o início dos conflitos na Nova Ordem Mundial no mundo pós- Guerra Fria, o ataque propôs um reordenamento no que era entendido por entendido de segurança internacional. Assim, o pensamento de proteger o nacional foi reforçado, a alternativa adotada por Bush foi a militar e usar de agressividade na política externa e em suas intervenções. Nye traduz esse momento da essência norte americana em sua obra com a visão de que "lutar contra o terrorismo tornou-se a principal preocupação da administração"¹⁶.

O primeiro passo dado pelo governo norte americano foi a decisão de enviar as Forças Especiais americanas, assim foi feita uma intervenção no Afeganistão

¹⁵ Organização islâmica que visa propagar o islamismo e reduzir a influência de não-islâmicos no Ocidente; responsável por diversos ataques direcionados a civis e militares.

¹⁶ NYE, 2009, p.233

para derrubar o governo Talibã¹⁷, tido como um abrigo aos terroristas da Al-Qaeda no pós 11 de setembro.

Assim em janeiro de 2002, o Iraque passou a integrar a lista dos países que compõem o "Eixo do Mal", no mesmo ano, relatórios enviados pelos britânicos, aliados do governo de Bush, apontaram que o Iraque detinha armas químicas, biológicas, de destruição em massa e suspeita de armas nucleares, numa tentativa de validar a invasão no território. O Conselho de Segurança da ONU era o único órgão capaz de legitimar a intervenção norte americana tornando-a legal perante o cenário mundial, porém tal fato não ocorreu. Os outros membros do CSNU negaram a intervenção ao Iraque, restando apenas o apoio do Reino Unido como membro permanente da instituição. Mesmo com a negativa, em março de 2003, os EUA decidiram por invadir o território iraquiano com a finalidade de capturar as armas nucleares e o ditador Saddam Hussein¹⁸, armamento este nunca encontrado e declarado falso pela Agência Internacional de Energia Atômica - AIEA no mesmo ano.

Ao declarar guerra ao Iraque em 2003, os EUA perdeu seu apoio internacional, a sociedade internacional viu como uma ação desnecessária, já que o Iraque não era tido como um país que oferecesse risco eminente a eles, mesmo após os ataques terroristas¹⁹.

Marcelo Garcia Bonfim, autor que será utilizado para embasar outro pensamento desta pesquisa, descreve de forma concisa o ocorrido ao declarar que:

Logo após os atentados, a administração Bush (2001-2009) tentou relacionar os combatentes islâmicos membros da Al-Qaeda com o regime de Saddam Hussein, numa clara tentativa de justificar internamente a invasão no Iraque. No plano externo, o seu governo, junto com o britânico, alegavam que a presença de armas de destruição em massa contra as resoluções da ONU impostas ao governo iraquiano durante os anos 1990. (BONFIM, 2014, p.8)

Ainda no ano de 2003, no mês de maio, a ONU liberou sua resolução 1483, cujo conteúdo reconhecia que o país de Saddam Hussein não tinha armas nucleares

¹⁷ Movimento islâmico defendido no em territórios como Afeganistão e Paquistão.

¹⁸ Capturado em 2003, julgado e condenado a execução em 2005, e morto em 2006

¹⁹ NYE, 2009, p.233

ou que pudessem ameaçar o mundo, pondo fim as sanções que o Iraque vinha sofrendo²⁰.

Em novembro do ano seguinte George W. Bush foi reeleito como presidente dos EUA. A reeleição de Bush foi pautada na "caça as bruxas" no Oriente Médio e ganhou apoio com as propagandas de pró-guerra, como ressaltava Marcelo Garcia Bonfim em sua tese "A GUERRA DO IRAQUE: HISTÓRIA OFICIAL E OFICIOSA". Porém segundo o próprio autor, no decorrer do segundo mandato "apenas 3% dos estadunidenses viam o Iraque entre os três maiores problemas da política externa" norte americana²¹.

Com a pressão popular em 2007, o presidente Bush retirou suas tropas do Iraque em uma mudança de estratégia e viu seu período de governança terminar sem capturar Osama Bin Laden, como prometido em sua reeleição. (2001-2008)²².

Após a abordagem do contexto histórico buscaremos definir como se deu a intervenção no Oriente Médio, se esta ocorreu de maneira preemptiva ou preventiva, para assim ser possível entendermos a ação.

3.1 GUERRA PREEMPTIVA X GUERRA PREVENTIVA

A compreensão do que é uma guerra preemptiva e uma preventiva são de suma importância para o tema proposto, sendo possível entender a forma como agiu o governo norte-americano na intervenção no Iraque e Afeganistão, podendo analisar se houve abusos, ou se foi em legítima defesa.

Usaremos aqui as obras de Gilberto Sarfati e Tito Oliveira Fraga, publicado em 2008. Os autores serão utilizados para diferenciar os dois tipos de ataques.

A respeito da modalidade preemptiva, Fraga destaca que:

Alguns, ao criticarem a política preemptiva, o fazem utilizando os mesmos argumentos que outros se valem ao atacarem a política preventiva. Fica nítida a confusão conceitual sobre esses dois institutos, que apesar de muito próximos, representam momentos distintos de deflagrar-se a guerra. (FRAGA, 2008, p.40)

²⁰KEEGAN, 2005, p. 261

²¹BONFIM, 2014, p. 91

²²NYE, 2009, p. 234

Em de sua obra "Teoria das Relações Internacionais", Gilberto Sarfati atribui ambos os termos, preemptiva e preventiva, aos "Objetivos orientados ao conflito"²³. Os Estados usam dos ataques preemptivos e/ou preventivos quando se sentem ameaçados, fazendo com que entrem em alerta de guerra.

Assim, a definição brevemente dada por Sarfati à preempção é de que o ataque vem em forma de autodefesa a um conflito prestes a acontecer, enquanto preventivo denomina um suposto ataque no futuro²⁴.

Fraga, por sua vez, apresenta sua tese preemptiva baseado na "*National Security Strategy of the United States of America*"²⁵, na qual a resposta vem em forma de legítima defesa ao ataque, porém de maneira mais rápida, e sendo de direito de todos os Estados e reconhecido como legal pela comunidade internacional.

Nas palavras do autor:

Deste modo deve-se definir rigorosamente e estabelecer os limites de tal instituto, para que políticos e chefes de governo não se utilizem dessa prerrogativa, garantida aos Estados unicamente para assegurar sua legítima defesa, subvertendo-a a seu bel prazer e transformem a preempção em instrumento fomentador de conflitos e guerras de interesse. (FRAGA, 2008, p. 41)

Baseando-se em Colin Gray²⁶ (2007), Tito Oliveira Fraga alega a importância de uma compreensão clara dos termos para que seja possível averiguar se os Estados agem de forma abusiva ou em forma de defesa²⁷.

No entanto, o ataque preventivo ocorre pautado em um ataque incerto, é uma ação preventiva que visa controlar ameaças internacionais e a estabilidade da segurança internacional. Assim seria o mesmo que acabar com uma ameaça antes que ela seja concretizada. Segundo Fraga:

Nota-se que a prevenção em âmbito internacional não se pauta em um Estado de emergência. Não há perigo real a ser enfrentado. O Estado que decide travar uma guerra preventiva o faz para manter o Status quo, o faz

²³ Discorreremos com mais profundidade em 2.3 Segurança Internacional.

²⁴ SARFATI, 2005, p. 49

²⁵ Documento norte-americano lançado em tempos sobre a Segurança Nacional dos EUA, The National Security Strategy of the United States of America, 2002.

²⁶ Estudiosos britânico voltado para assuntos de Estratégia Moderna e norte-americana, obra lançada em 2007 - The implications of preemptive and preventive War doctrines: a reconsideration.

²⁷ FRAGA, 2008, p. 44.

com o fim de manter o controle político que exerce no presente. (FRAGA, 2008, p. 43).

Porém, uma questão é levantada no decorrer do ataque preventivo: este pode ser usado indevidamente com caráter expansionista e agressivo, logo abusivamente, para manter a hierarquia internacional.

Nesse sentido, Tito, através de Gray, expõe os preceitos que devem ser seguidos em uma ação preventiva, como evitar o uso da força e priorizar o diálogo, o motivo do ataque deve ser forte e apresentar perigo, e seus benefícios devem ser maiores do que seus custos, além de contar com apoio multinacional (quanto maior melhor). Especificamente no caso dos EUA, "Deve existir uma grande chance de sucesso militar, pois os EUA ao agirem preventivamente põem em risco sua inestimável reputação"²⁸.

Cabendo motivos equivocados no uso da ação preventiva, seus ataques são considerados agressão e fogem da resposta legítima e das razões estabelecidas pela ONU. Com isso podemos concluir que:

Resumindo: (1) preempção é inquestionavelmente legal, ela é uma legítima defesa diante da revelação de uma ameaça iminente; (2) guerra preventiva é legal enquanto movimento preventivo para legítima defesa, mas enquanto comportamento é indistinguível de uma guerra de agressão. (GRAY, 2007, p. 35)

O terrorismo se encaixa na modalidade preventiva, e para reforçar tal colocação, Cristina Pecequilo alega em sua tese, "A Política Externa dos EUA: Continuidade ou Mudança?", que a Guerra ao Iraque é a primeira guerra preventiva no mundo pós Guerra Fria. Para a continuidade do recorte deste trabalho, enfatizaremos o contexto/cenário gerado pelos atentados de 11 de setembro de 2001.

3.2 OS IMPACTOS DAS INTERVENÇÕES NORTE AMERICANAS

Mantendo a linha de pensamento de Nye ao falarmos sobre as intervenções, observamos estas estão diretamente ligadas a soberania. Assim é importante destacarmos o que é entendido por intervenção e soberania ao falarmos das

²⁸GRAY apud. Fraga, 2008, pp. 46-52

intervenções ocorridas no Oriente Médio, mais especificamente no Iraque. Para introdução deste tema, continuaremos usando Joseph S. Nye Jr. que em sua obra retrata as intervenções nas relações internacionais.

Nye propõe seu pensamento usando como recurso alguns analistas que defendem que territórios em situações críticas devem ter sua soberania ignorada e intervenções que garantam questões humanitárias devem ser feitas.

São esses os preceitos também defendidos pela ONU em seu "Painel de Alto Nível sobre Ameaças - Desafios e Mudanças" de 2005: quando, existe a responsabilidade em proteger países e cidadãos das guerras civis e dos abusos contra os direitos humanos, tal função cabe ao Conselho de Segurança da instituição²⁹.

Um ponto importante em relação a intervenção e soberania defendidos por Nye é o choque entre a ação envolvendo ambos os princípios. O autor relaciona a intervenção a questões morais, e a não intervenção a soberania que cada Estado tem sobre seu território (legislação internacional), fazendo com que haja uma rusga em intervir ou não.

As intervenções só são legitimadas quando autorizadas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), fato este discorrido no início deste capítulo (3) ao relatarmos a sequência de atos cometidos pelo governo norte americano.

Mesmo com CSNU negando a intervenção norte americana, o país decidiu invadir o Oriente Médio mesmo sem um grande apoio e tropas extras que não as suas, no livro A SEGUNDA GUERRA FRIA Samuel Pinheiro Guimarães pondera que uma das razões para tal ação do Governo Bush sem respostas em forma de represálias ou sanções, se deve pela política externa americana ser determinante em todo globo³⁰. Assim pode-se concluir também que:

Nenhum outro Estado tem o mesmo poder e a mesma influência internacional que têm os Estados Unidos. (GUIMARÃES, 2013, p 14)

3.3 DOCTRINA BUSH E SEUS DESDOBRAMENTOS

²⁹NYE, 2009, p. 200

³⁰GUIMARÃES, 2013, p 13

Doutrina “junto ao seu presidente”, situação aplicada no caso estudado, é o nome atribuído em seus períodos históricos para configurar suas estratégias, políticas domésticas e externas, conjunto de princípios, podendo ser religiosos, militares, de segurança. Assim a Doutrina Bush é o conjunto de princípios e estratégias entre os anos de 2001 e 2009, enquanto George W. Bush era o presidente dos EUA (Resende, 2011, p.8)³¹

Cristina Pecequilo discorre amplamente sobre os Estados Unidos e suas políticas, em "A Política Externa dos EUA: Continuidade ou Mudança?", obra especialmente voltada para o “11 de setembro”, focando em suas transformações internas e na sua política externa, que utilizaremos aqui.

Pecequilo explica a "Doutrina Bush" como uma visão unilateral de política de segurança nacional criada no ano de 2002. Porém, a autora já atribui como um erro comum creditarmos a tal doutrina total responsabilidade ao 11/09, afinal cada governante naturalmente tem sua doutrina, sendo um misto de continuidade e mudança devido às mudanças globais.

A de Bush ganhou força com os ataques terroristas, mas também tem características de doutrinas anteriores. A maior referência percebida é a de Reagan e seus falcões, com termos como "eixo do mal" ou "império do mal". Sendo só um fator que acelerou a criação da "Doutrina Bush" que tinha como diretriz ser uma política preventiva. A autora explicita sua opinião ao citar que:

O grande problema que vejo: é uma estratégia preventiva, ela não é uma estratégia de contenção, não é uma estratégia de dissuasão, age-se antes para prevenir perigos, mas como julgar perigos, os perigos hoje são tão voláteis! Se falava num ataque externo, o ataque veio de dentro. E isso não responde, pelo contrário gera uma situação de maior instabilidade. (PECEQUILO, 2003, p. 13)

Tendo como norteador o 11 de setembro em sua governança, Bush vê sua doutrina originar outros termos que reforçaram sua política. Um deles é o “eixo do mal”, ideia desenvolvida para retratar países que ameaçavam a soberania e segurança norte-americana, que tinham entre eles dois países do Oriente Médio: Irã e Iraque. (Resende, 2011, p.15)

³¹Artigo escrito em 2011 por Érica Resende. “UMA ANÁLISE DA DOCTRINA BUSH NO DÉCIMO ANIVERSÁRIO DO ONZE DE SETEMBRO”

Após a explicação dos termos que serão utilizados no próximo capítulo, podemos adentrar na relação que mantinham os EUA com o Oriente Médio, fazendo um apanhado de seu contexto histórico.

4 A ERA BUSH E O ORIENTE MÉDIO

Ao partirmos da ideia da autora Cristina Pecequilo (2003), já apresentada anteriormente, de que nenhum governo é inteiramente modificado e tem continuidade dos anteriores, é necessário analisarmos diversos aspectos, inclusive o histórico para compreendermos o que eclodiu e motivou diversas intervenções e confrontos entre os atores relacionados.

Por esta razão abordaremos especificamente nesta etapa os conflitos recentes envolvendo os EUA e países do Oriente Médio, buscando entender o que pode ser considerado um novo conflito e o que é continuação de uma intervenção anterior e até mesmo suas supostas causas, podendo-as comparar com o episódio proposto nesta pesquisa.

Analisaremos então o mandato de George H. W. Bush, e Bill Clinton, últimos dois presidentes norte americanos antes de Bush e que tiveram relações com países muçulmanos durante seus governos, sendo conflituoso como Bush pai e a situação no Kuwait que já envolvia poços de petróleo, ou com Clinton que promoveu o encontro da Organização para a Libertação na Palestina, mesmo que sem grandes êxitos. Para assim contextualizarmos a dinâmica apresentada pelo governo de W. Bush.

4.1 CONFLITOS RECENTES

A data marco para análise dos conflitos recentes será o ano de 1990, por ser considerada por Nye o primeiro conflito pós guerra fria. Na presidência dos Estados Unidos estava George H. W. Bush (1989-1993). O primeiro conflito envolvendo norte americanos e um país do Oriente Médio já envolvia o Iraque, tendo como cenário a cidade de Bagdá, capital do Iraque.

O ditador Saddam Hussein era o presidente do Iraque, e visando tomar os poços de petróleo da cidade do Kuwait. Assim, enviou suas tropas por querer aumentar seu poderio econômico do insumo. A ONU como medida protetiva enviou uma carta na tentativa de retirar as tropas iraquianas de maneira pacífica, mas paralelamente os EUA reuniam forças para intervir militarmente na região³².

³²NYE, 2009, p. 216.

No ano seguinte, 1991, Hussein, por se preocupar com a defesa de seu país, decide retirar suas tropas para evitar o conflito legitimado pelo exército norte americano com medo do estrago que o Iraque poderia sofrer, porém não abdicou da presidência frente a seu país³³.

Nesse cenário, comparando com o que viria a acontecer com o segundo mandato de seu filho, Bush não conseguiu se reeleger devido à baixa aprovação pela forma que conduziu seu governo. Assim Bill Clinton se tornou o presidente dos EUA nos anos subsequentes, 1993 - 2001. Clinton teve como grande foco no âmbito internacional e em países árabes a mediação de conflitos envolvendo Israel e Palestina. Em 1993, Clinton conseguiu uma pacificação e retirada de tropas israelenses na Faixa de Gaza³⁴, ao fazer com que Israel reconhecesse a soberania da Organização para a Libertação da Palestina (OLP)³⁵

Dessa forma ao analisarmos os últimos dois governos que antecederam a chegada de George W. Bush a presidência da América, é possível observar que o cenário internacional envolvendo os atores discutidos não era caótico como os que se desenhariam nos próximos anos. Porém é possível notar que os interesses comerciais já existiam, e um exemplo era a tentativa norte americana de tomar o território do Iraque e defender os poços de petróleo kuwaitianos.

Nesse aspecto falaremos a seguir das possíveis motivações econômicas que podem ter impulsionado o interesse dos EUA.

4.2 MOTIVAÇÕES ECONÔMICAS:

Nye ao tratar de Globalização e Interdependência em seu livro, apresenta a hipótese de alguns analistas que defendem que as questões econômicas seriam o centro das agendas internacionais devido à interdependência econômica entre os atores. Uma consequência, portanto, seria o aumento de sanções e embargos econômicos como instrumento da nova política "geoeconômica" que substituiria a "geopolítica"³⁶.

³³NYE, 2009, p.231-232.

³⁴ Território palestino que faz fronteira com Israel.

³⁵NYE, 2009, p.227-228.

³⁶NYE, 2008, p 243-244

Como foi possível estabelecermos relações entre os Estados Unidos e os pensamentos Realistas e Neorrealistas, também é possível fazermos uma conexão com a questão econômica partindo das teorias.

Nesse aspecto Pecequilo, 2007 expõe um interesse econômico por parte dos EUA que tinha planos em investir no desenvolvimento de novas tecnologias e fontes energéticas, destacando que Bush buscou acordos que os beneficiassem no campo energético e sua matéria prima, visando inclusive não depender mais do fornecimento de petróleo de terceiros, que contavam com países do Oriente Médio. Tal busca por energias alternativas na visão da autora, serviria também para desviar a atenção das intervenções no Iraque, Afeganistão e Irã³⁷. Como veremos a seguir.

4.3 PETRÓLEO E COMÉRCIO BÉLICO

A busca por resultados econômicos dos Estados Unidos no Oriente Médio serão feitas com base nos poços de petróleo e no comércio bélico, através de gráficos e tabelas. Aqui a proposta será de analisar o que não é dito, no caso o interesse comercial velado, como é possível vermos na citação de Bonfim:

A propaganda governamental para justificar a guerra afirmava, o tempo todo, que Saddam Hussein representava um perigo aos Estados Unidos e a comunidade internacional, por possuir armas de destruição em massa. Em nenhum momento foi utilizado o argumento da necessidade do petróleo como forma de justificar a guerra. (BONFIM, 2014, p.120)

Assim é possível destacarmos aqui, a obra "Teoria e pesquisa nas causas da guerra" de 1969, dos autores Pruitt e Snyder, em que separam os objetivos que provocam um conflito em dois: os que são orientados ao sucesso (desejo de vitória) e os orientados ao conflito. Os autores alegam que, dentro do objetivo que busca o sucesso temos as motivações econômicas, matérias-primas como o petróleo, o mercado e suas rotas comerciais e o ganho de poder, enquanto os conflituosos buscam manter a honra nacional.

Artigos como petróleo e armamento bélico correspondem à grande parte do comércio internacional, mesmo após o fim da guerra fria e das grandes guerras. Mas como já citado anteriormente por Nye em sua obra "Cooperação e conflito nas

³⁷ Bush no Brasil, PECEQUILO, 2007.

relações internacionais” e neste mesmo trabalho, o número de guerras civis e conflitos regionais aumentaram.

O antropólogo Ângelo Del Vecchio alega que a Guerra no Iraque tem diversas motivações, podendo ser provocadas por aspectos econômicos, políticos, culturais, religiosos ou psíquicos.

Em sua entrevista para a revista UNESP de 2003, Del Vecchio levanta três grandes razões para a entrada norte-americana no Golfo Pérsico³⁸: A legitimação do governo, as aspirações geopolíticas dos EUA e a de que a guerra é uma ação extremamente rentável. Podendo ser considerada como um alto investimento para o país e todos os seus aliados.

Ainda segundo Ângelo Del Vecchio, dados referentes a 2003, apontam que os EUA investiram cerca de 390 bilhões de dólares em armamento bélico, mais um reforço de 80 bilhões³⁹ pedido. Devido à intervenção no Iraque, o mundo gastou um total de 900 bilhões de dólares. Assim, os EUA faturariam com a destruição do Iraque e na reconstrução do mesmo após o conflito.

A partir do gráfico abaixo é possível notarmos que desde 1998 o investimento militar dos EUA vem em uma crescente, porém a elevação mais significativa encontra-se entre os anos de 2003 e 2004, anos em que o governo norte-americano iniciou a invasão do Iraque para depor o ditador Saddam Hussein e seu exército, e, ao mesmo tempo, no Afeganistão, decretaram fim aos combates contra o Talibã.

³⁸ Golfo localizado no Oriente Médio entre a península da Arábia e o Irã

³⁹ <http://www.bbc.com/portuguese/iraque/030325_bushxdtl.shtml> acessado em 07/11/2015



Figura 1 – Despesa Militar.

Fonte: Comissão Científica de Legislação Nacional de Controle de Armas e Não-Proliferação (2008)

Ainda em relação aos fatores econômicos, é fundamental ressaltar a importância do petróleo. Nos anos 2000 é possível notarmos por meio do ranking divulgado pela Agência Internacional de Energia que os EUA não figuraram entre os maiores exportadores, diferentemente da Arábia Saudita, Irã e Iraque, mas era o maior importador do insumo no mundo com 511 milhões de toneladas, como será mostrado a seguir.

Maiores exportadores e importadores mundiais de petróleo — 2000			
Exportadores	Milhões de toneladas	Importadores	Milhões de toneladas
Arábia Saudita	320	Estados Unidos	511
Noruega	146	Japão	214
Rússia	144	Coréia	123
Irã	116	Alemanha	104
Venezuela	115	Itália	90
Iraque	107	França	86
Nigéria	102	China	70
Reino Unido	93	Índia	67
México	92	Países Baixos	61
Emirados Árabes	84	Espanha	59
Demais países	656	Demais países	642
Total mundial exportado	1 975	Total mundial importado	2 027

Figura 2 – Exportadores e Importadores de petróleo.

Fonte: Biodiesel Brasil (2000)

Os gráficos abaixo retirados da British Petroleum demonstram a produção, consumo e reservas respectivamente de petróleo no mundo no ano de 2004. É possível reforçar a ideia exposta anteriormente de que os EUA não estão entre os maiores produtores e nem na reserva mais significativa, porém foram o Estado de maior consumo do período analisado com 30,1%, enquanto produzia somente 18,2% e eram a segunda menor reserva com a marca de 5,5%.

PRODUÇÃO POR REGIÃO – Barris diários

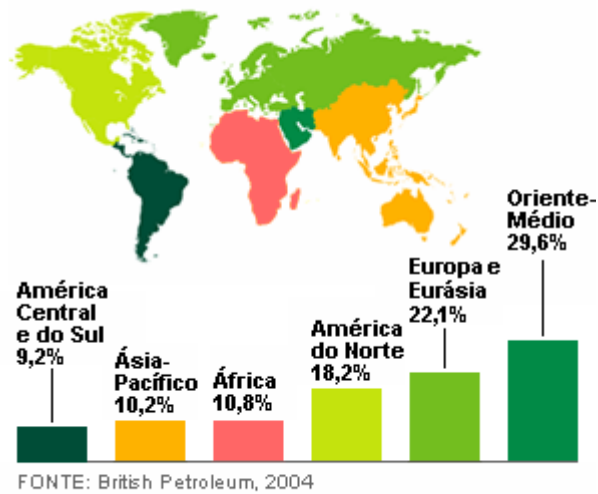


Figura 3 – Produção de petróleo por região.

Fonte: British Petroleum (2004)

CONSUMO ANUAL POR REGIÃO

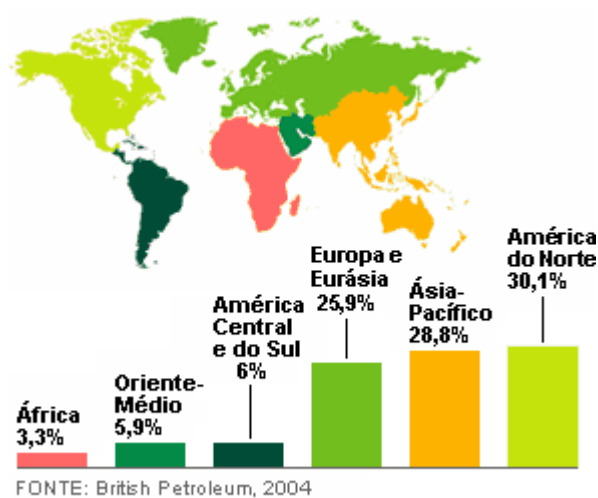


Figura 4 – Consumo anual de petróleo por região

Fonte: British Petroleum (2004)



Figura 5-Reservas de petróleo

Fonte: British Petroleum (2004)

Desse modo cabe apontar a visão de Samuel Pinheiro Guimarães (no prefácio da obra *A SEGUNDA GUERRA FRIA* de Luiz Alberto Moniz Bandeira), ao considerar a visão dos EUA sobre os objetivos estratégicos para manter a segurança internacional. Nelas o autor aponta ser necessário manter sua hegemonia em diversas áreas: na militar, para no caso de haver uma ameaça contra seu próprio território (EUA); manter seu poderio sobre os sistemas de comunicação para proteger sua imagem; acesso sobre recursos em territórios terceiros e principalmente manter sua hegemonia política, podendo exercer assim o controle do sistema (Conselho de Segurança das Nações Unidas - CSNU⁴⁰).

Pecequilo ao ressaltar o tamanho armamento norte americano e o peso de sua influência sobre o mundo, também credita maior responsabilidade em suas ações, não podendo assim agir pautado pela ideia de preventive action, como ocorreu doutrina Bush ao quererem intervir para acabar com o perigo antes que ele surja. A autora alega assim que:

deve haver uma autocontenção, porque existe muito poder e poder mal usado, mal administrado é mais perigoso do que às vezes o próprio inimigo. Então, essa questão está na doutrina

⁴⁰ Único órgão internacional que pode legitimar um ataque militar

Bush, superioridade militar incondicional, ameaças tradicionais e transnacionais, a periferia dos estados terroristas, autoritários e as ADMs, complicam o núcleo de paz, pois propõe que haja ação antes de um ataque. (Pecequillo, 2008, p. 13)

Através da análise das imagens é possível notar que a produção de petróleo no Oriente Médio é superior em produção e significativa em suas reservas no período analisado, porém a da América do Norte não é proporcional ao compararmos sua produção e reserva ao consumo. O investimento militar que detém os EUA é desproporcional para uma relação pacífica entre os países. Assim, após tais observações é possível que sejam feitas as considerações sobre os temas abordados durante a pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As perguntas que nortearam a pesquisa proposta foi a de "Quais eram as razões das invasões militares norte americanas no Oriente Médio durante o Governo Bush?" junto das questões "Quais foram os reais interesses dos EUA na região?", "Teriam ido buscar lucros de petróleo e suas jazidas, ou buscaram lucrar com a venda de armamento bélico?", "Quais foram às manobras norte-americanas utilizadas em suas intervenções? E quais benefícios tiveram com os ataques entre o período analisado?", através dos capítulos e das referências utilizadas foi possível respondermos as questões no decorrer do trabalho.

Ao abordarmos em primeiro momento as teorias Realista e Neorrealista e os aspectos de Segurança Internacional, a intenção foi de entender a forma como agem em partes, os países que seguem essas diretrizes em sua política.

O realismo enaltece o poder, e nos dizeres de Cristina Soreanu Pecequilo, autora usada no decorrer do trabalho, também está ligada a situações de conflito e seu uso para que não surja um poder maior. Assim é uma teoria que visa "manutenção, aumento e demonstração de poder".

O Neorrealismo por sua vez veio como uma complementação ao Realismo devido a evolução nas relações internacionais, esta renovação continuou focando no poder dos Estados e em seu uso para direcionar outros atores em suas tomada de decisões.

Relacionando os Estados Unidos a essas duas teorias, é possível analisarmos suas práticas e no que são embasadas, especialmente quando falamos de segurança internacional, aspecto esse que os Estados não buscam interdependência com os demais.

Através de Carl Von Clausewitz foi possível a visão de que a segurança nacional é fundamental para países realistas, passando a usar da segurança internacional para garanti-la, os conflitos que a ameaça podem ter diversas motivações, podem buscar poder, novos territórios ou vislumbrar ganhos econômicos.

Considerando que os EUA têm características de países realistas e neorrealistas, e que tal fato faz com que priorizem sua segurança nacional podemos partir para a leitura da resposta aos ataques sofridos em "11 de setembro" como um afronte a honra nacional e colocaram como meta lutar contra o terrorismo. Porém a

justificativa usada pelos EUA em sua guerra preemptiva, a torna preventiva, sendo considerados agressão.

No decorrer do terceiro capítulo vimos também sobre a Doutrina Bush e que a política do então presidente tem resquícios de governos passados dando uma ideia de continuidade, mas sendo impulsionada sobre o ataque terrorista, garantindo uma reeleição a George W. Bush.

Com base nos conflitos anteriores também apresentados foi possível notar que foram motivados por fatores econômicos e por um insumo precioso, o petróleo. Os EUA por serem o maior consumidor, mas não o maior produtor desse recurso, se tornavam dependentes de outros países que o produzissem, em sua grande maioria do Oriente Médio, disparidade essa que torna a política norte americana dependente direta de outro Estado. Assim através da leitura de tabelas e gráficos é notável a movimentação econômica dos poços de petróleo, podendo considerar a hipótese de se incitar uma guerra e vendas bélicas visando a tomada desses poços e o lucro ao financiar a destruição e a reconstrução de países do Oriente Médio.

Possíveis respostas para as perguntas no início da pesquisa com base nas fontes utilizadas seriam de que as intenções eram econômicas ao se invadir o Iraque e o Afeganistão, e a caçada ao terrorismo foi o episódio utilizado como álibi para legitimar a ação dos EUA nesses territórios. Ao buscar respaldo no CSNU, seria uma manobra norte americana que não mancharia sua imagem internacional.

Podemos então levantar a hipótese de que os interesses norte americanos através das intervenções também eram responder ao ataque sofrido, principalmente se considerarmos os resquícios imperialistas do país. Porém sendo uma potência que gira sua economia através de armas e da própria guerra é incoerente não considerar as vantagens econômicas que teriam, e a chance de tomar poços de petróleos com as intervenções, ainda mais que estes, gerariam mais lucro para o país, por serem o Estado que mais consome o insumo e até então não eram o que mais produzia.

Essa pesquisa buscou relatar uma das faces que podem mover os grandes países em sua luta contra o terrorismo, inclusive neste momento de ascensão de regimes opressores do oriente e que busquem dar uma resposta ao ocidente, porém ressaltando que entraves civis resultam na economia. Assim, com um mundo cada vez mais globalizado, onde as práticas da guerra não pertencem mais aos grandes atores, não é de valia usar da postura agressiva para construir poder se isto abrirá

precedentes para respostas e que novos atores usem da força para gerar novos conflitos na ordem mundial e proporcione a expansão de crises e de seus regimes.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRAES, V.C .**Escalada no Iraque: armadilha para 2008?**. Meridiano 47 (UnB), v. 8, p. 2-3, 2007.

BONFIN, M. G. **A guerra do Iraque: história oficial e oficiosa**, Londrina, Antíteses, 2014, v.7(14), p.545-546.

CARLOS, N. **Bush e a doutrina das guerras sem fim**. Rio de Janeiro: Revan, 2ª edição, 2003.

CARR, C. **A assustadora história do terrorismo**. São Paulo: Ediouro, 2002.

CAUBET, C. G. **As verdades da guerra contra o Iraque**, São Paulo: Editora Acadêmica, 1991.

CLAUSEWITZ, C. V. **Da guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

CORVISIER, A. **A Guerra: ensaios históricos**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

DUQUE, M. G. **.A teoria de securitização e o processo decisório da estratégia militar dos Estados Unidos na Guerra do Iraque**, 2008 (Dissertação de mestrado).

FERREIRO, A. **O Império contra-ataca**, Editora: Paz e Terra, 2004.

GOMES, A. T. ; ESPINDOLA, T. . **A intervenção dos EUA no Iraque: uma visão a partir do discurso**. Brasília: Boletim Meridiano 47, 2013 (Resenha).

JORGE, B. **O Papel das Forças de Operações Especiais na morte de Osama bin Laden**, 2011.

LIMA, L. P. **Terrorismo, doutrina Bush e a estabilidade do sistema internacional**, 2005.

MITCHELL, B. **A reapropriação do Destino Manifesto na Estratégia de Segurança Nacional de George W. Bush**, 2013

MORGENTHAU, H, **A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz**. Brasília: EdUnb/Ipri, 2003

NOGUEIRA, J. P.; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais – Correntes e Debates**. Elsevier. Rio de Janeiro. 2005

NYE, J. **Cooperação e conflito nas relações internacionais**. São Paulo, Editora Gente, 2009

PECEQUILO, C. S. . **Introdução às Relações Internacionais** -temas, atores e visões. 9a. ed. Petropolis: Editora Vozes, 2012. 248p .

PECEQUILO, C. S. **A política externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?**. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2003.

PECEQUILO, C. S. **Os Estados Unidos e o Século XXI**, Porto Alegre, Ed. UFRGS 2014.

REDAÇÃO. **Morre Kenneth Waltz, teórico do neorealismo**. 2013. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/morr>>. Acesso em: 14 maio 2013

SARFATI, G. **Teoria de Relações Internacionais**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2005. 382 p

WAISBERG, T. **Os Estados Unidos e a Guerra contra o Terror: o uso da força contra o terrorismo nas Doutrinas Bush e Obama**. Mundorama, v. 84, p. 1, 2014.

WALTZ, K **Theory of internaional politics**. Reading. 1979